

**UM RIO CHAMADO TEMPO,
 UMA CASA CHAMADA TERRA:
 ÉTICA E ESTÉTICA**

ADRIANO VERSIANI PINTO* 
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO,
 SÃO LUIZ, MARANHÃO, BRASIL

RESUMO

A proposta do artigo é a análise do livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de autoria de Mia Couto, tendo por problema a apreciação em duas dimensões: a face ética da morte e da relação entre homem e natureza, mediante análise bibliográfica, com recurso da hermenêutica. O exercício da mimesis não guarda relação com o falso, embora não esteja relacionado diretamente com a realidade. Justamente por isso, buscar a resolução de ambos os problemas acaba por colocar a pessoa diante da tarefa histórico-filosófica, já que a obra de arte, como afirma Luiz Costa Lima¹, para dialogar com o interlocutor, guarda em si o verossímil. A linguagem romanesca é criadora de um mundo ficcional que, embora não exista no plano físico, contribui para perquirir em busca de uma ética que nos ajuda a compreender o mundo que nos circunda.

Palavras-chave: Mimesis; ética; arte; ficção; história.

RESUMEN

La propuesta del artículo es el análisis del libro *Un rio llamado tiempo, una casa llamada Tierra*, de Mia Couto, teniendo como problema la apreciación en dos dimensiones: el rostro ético de la muerte y la relación entre el hombre y la naturaleza, a través del análisis bibliográfico, utilizando la hermenéutica. El ejercicio de la *mimesis* no se relaciona con lo falso, aunque tampoco se relaciona directamente con la realidad. Precisamente por eso, buscar resolver ambas cosas termina por ponernos frente a una tarea histórico-filosófica, ya que la obra de arte, como afirma Luiz Costa Lima, para dialogar con el interlocutor, tiene en sí misma lo verosímil. El lenguaje novelístico es creador de un mundo ficcional que, aunque no existe en el contexto físico, contribuye a la investigación en busca de una ética que nos ayude a comprender el mundo que nos rodea.

Palabras-clave: Mimesis; principio moral; arte; ficción; historia.

* Mestrando em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: adrianoversiani@gmail.com.

¹ LIMA, Luiz Costa. O insistente inacabado. Recife: Cepe, 2018. p. 105, 106.

1. INTRODUÇÃO

A proposta do presente texto é analisar o livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*², de autoria de Mia Couto, a partir de duas dimensões: a visão ética da morte e a relação entre homem e natureza. Deve-se, então, perquirir as reminiscências do livro, a fim de encontrar detalhes que remetem aos dois problemas colocados em discussão. Nesse texto, há foco no personagem principal, Mariano, seu avô, Dito Mariano, a avó, Dulcineusa, seu pai, Fulano Malta, o padre Nunes, a tia Admirança, Juca Sabão, um amigo assassinado, o tio Último e sua mãe, Mariavilhosa.

Faustino Teixeira, em um escrito sobre a obra de Ana Cláudia Arantes, intitulado *Reflexões para tempos difíceis: compromissos para um novo tônus vital*, fala a respeito do fato de que a palavra vem animada pelo poder da criação, podendo tanto construir quanto destruir. Citando a autora, Faustino aduz que, “quando colocamos nossa voz em algo em que acreditamos, a palavra passa a ter algo de nós mesmos”³. Lidar com a palavra é habitar o mundo, é criar. A palavra, portanto, se traduz em vida, de onde se vê que não poderia ser mais acertada a premissa de Luiz Costa Lima que, em sua laboriosa abordagem da *mimesis*, afirma que “sem se confundir com o falso, [ela] se distingue da afirmação da verdade”⁴. Portanto, lidando com literatura ou demais artes, o leitor está distante do falso, embora não relacionado com a verdade em si.

No ano de 2021 houve uma aula inaugural promovida pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS/UFMA), realizada pelo professor Júlio César Pimentel Pinto, por videoconferência, intitulada *História e ficção: olhares ao revés*, a partir de quando foi possível entrar em contato com a obra de Luiz Costa Lima, ante à visão não dicotômica entre ficção e realidade apresentada na ocasião. Na oportunidade, o professor chamou a atenção para um conto de Machado de Assis, escrito em 19 de maio de 1888 em que o romancista utilizou de sua fina ironia para contar a história de um personagem ficcional chamado Pancrácio. O detalhe é que em 13 de maio de 1888, ou seja, 6 dias antes do artigo, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea. Pancrácio não existe, todo o cenário criado também não, mas, ao ler o texto, é possível perceber detalhes sobre a forma que a sociedade brasileira encarava a novidade legislativa do fim da escravidão.

2 COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Portugal: Caminho de Lisboa, 2002.

3 TEIXEIRA, Faustino. *Reflexões para tempos difíceis: compromissos para um novo tônus vital*. Acesso em: 6 ago. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618026-reflexoes-para-tempos-dificeis-compromissos-para-um-novo-tonus-vital-artigo-de-faustino-teixeira>

4 LIMA, Luiz Costa. *O chão da mente: a pergunta pela ficção*. São Paulo: Unesp, 2021. p. 34.

Paul Ricoeur, para quem a história não existiria sem a narrativa, afirma que “O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que desenha os traços da experiência temporal”⁵. Ou seja, o tempo existe porque é narrado. Dito desse modo, quer parecer relevante o papel da literatura para a história, pois existem sensibilidades captadas pelas obras de arte que nem sempre podem ser vistas no acelerado interagir cotidiano, mas que se revela possível pelo exercício da *mimesis*. As pessoas, que andam, correm, comem e trabalham, também pensam, gritam por dentro, sonham e choram, e é por meio da literatura e das artes, de um modo geral, que esse sujeito complexo fala. É a ênfase no sujeito que Luiz Costa Lima captura na obra de Simmel⁶.

No livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* Mia Couto coloca o leitor diante de temas como a vida, a morte, histórias e memórias, girando em torno de um personagem principal chamado Mariano, que retorna à sua terra natal, a cidade Luar-do-chão, devido ao falecimento de seu avô. Regressando ao local, o personagem se depara com histórias, situações, memórias, místicas e objetos que o levam de volta não apenas ao retorno físico à sua terra, mas remete a sensibilidades e afetos humanos, valores que aquela sociedade cultivou ao longo do tempo, seja em forma de uma ética e estética, seja de uma mística.

Aqui, é relevante abrir um parêntese para afirmar que se trabalha com a ideia de mística definida por Marcus Reis Pinheiro “primariamente como o encontro do homem com a divindade, com todas as complexas articulações que tal encontro implica”⁷. Faustino Teixeira também relaciona a mística com a relação entre homem e Deus, afirmando que o místico vem habitado por uma voracidade amorosa, que chama pela figura e pela presença, em uma sede de totalidade⁸.

Assim, ao que aqui interessa, o percurso dos próximos tópicos visará não uma interpretação totalizante do livro, mas uma busca por sensibilidades que permitam uma compreensão ética posta na obra. Uma pesquisa histórica sobre a linguagem imposta no livro, lembrando Reinhart Koselleck que afirma que a história e a linguagem têm modos distintos de ser, mas que “toda

5 RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.

6 LIMA, 2021, p. 120.

7 TEIXEIRA, Faustino (org.). *Caminhos da mística* (livro eletrônico). São Paulo: Paulinas, 2018, p. 125.

8 TEIXEIRA, 2018, p. 52.

linguagem é historicamente condicionada e toda história é linguisticamente condicionada”⁹, daí porque o autor conclui que a realidade das histórias passadas está presente apenas em suas formatações linguísticas¹⁰, o que nos autoriza a uma interpretação também no sentido contrário, o de que na palavra estão impressas formulações históricas, conceitos e ideias. Essa ideia abre-se ao que Koselleck qualifica como horizonte de expectativas, dando espaço para buscar a visão ética histórico-filosófica imposta no livro pesquisado.

Portanto, não pretendo partir para uma análise da interpretação central do livro, mas do que pude compreender, falando do outro lado do Atlântico, pois, como diz Inocência da Mata, é “preciso não esquecer que a construção da identidade, mesmo a literária, é o resultado da dialética da tensão entre o mesmo e o outro”¹¹. Toda obra tem, pois, caráter multicultural na medida em que conversa com o outro.

A ideia, então, é captar sensibilidades a respeito do que podemos entender como uma noção ética. Para tanto, o estudo segue concentrado em dois pontos: a forma como a morte é encarada, inclusive com uma noção de dignidade pertencente aos mortos e aos vivos e, de outro lado, a relação entre homem e natureza. Mía Couto traz uma analogia entre o personagem principal e a modernidade, mormente como suas memórias, desejos e crenças são afetados por esse advento.

2. A FACE ÉTICA DA MORTE

Logo no início do livro, o autor fala sobre uma tia do personagem que seria “meia-irmã” de sua avó, ou seja, seria filha de apenas um de seus bisavôs, a celebrada tia Admirança. Porém, explica logo a frente que tudo era dito por brincadeira, pois “em Luar-do-chão não há palavra para dizer meia-irmã. Todos são irmãos em totalidade”¹². E Admirança o recebeu em casa com um beijo caloroso e palavras tristes. Esse é o prenúncio do que há por vir, pois Luar-do-chão é um lugar que conta com uma ética própria, situada na África obviamente, com toda riqueza cultural que isso representa, mas um lugar de intensa troca de afetos. Um ambiente que independentemente de qualquer coisa, todos irmãos são irmãos em totalidade, cuidando-se de um espaço que privilegia o ser.

9 KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. p. 41.

10 KOSELLECK, 2020, p. 64.

11 MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: descoWVnstruindo genealogias eurocênicas. *Civitas*, v. 14, n. 1, p. 27-42. Porto Alegre: jan-abr. 2014.

12 COUTO, 2002, p.15.

Trata-se de uma norma moral que, embora própria do lugar, valoriza o humano como tal. Pode-se defini-la com o que, na teoria constitucional moderna denominamos de dignidade humana, embora no mundo, nosso direito não tenha alcançado tamanha noção de dignidade, já que em termos civis Admirança seria considerada “meia-irmã”. Luís Roberto Barroso afirma que dignidade humana é um conceito valioso e tem importância crescente na história da interpretação constitucional, de modo que desenvolve “um papel central na fundamentação de decisões envolvendo questões moralmente complexas”¹³. Como se vê, o caso nos coloca diante do conceito que trabalhamos ao longo do tempo, seja em nossa história humana, seja das constituições liberais. A noção de dignidade não se inicia nas constituições, mas remonta a períodos muito anteriores cuja pesquisa não nos cabe aqui. A ideia é somente demonstrar, na prática, como a lógica da linguagem pode ser vislumbrada em termos históricos.

Na sequência, na mesma página, há outro prenúncio importante, o de que na África os mortos nunca morrem¹⁴. Um retrato cultural de como a cidade compreende a relação entre vivos e mortos e um detalhe de algo misterioso que acontecerá com o avô de Mariano, morto, mas com alguns sinais vitais ativos¹⁵. Aí então que o rapaz recebe um misterioso bilhete, aparentemente proveniente de seu avô:

Ainda bem que chegou, Mariano. Você vai enfrentar desafios maiores que as suas forças. Aprenderá como se diz aqui: cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os vivos. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si. Sempre que for o caso, escreverei algo para si. Faça de conta que são cartas que nunca antes lhe escrevi. Leia, mas não mostre nem conte a ninguém¹⁶.

Cada homem é todos os outros. A frase é rica em significado, afinal o bilhete traz à memória do neto um valor que atribui a todos os homens o mesmo grau de importância, já que cada um é também, ao mesmo tempo, composto da mesma matéria que os outros, inclusive os que já morreram. Sim, os mortos são dotados da mesma dignidade que os vivos. A propósito tudo leva a crer que o autor do bilhete seria alguém que teria ultrapassado essa barreira entre vivos e mortos, o avô do personagem. O texto também nos remonta a ensinamentos diversos em termos de dignidade.

Em outra passagem, há uma relevante ideia sobre como aquela sociedade vislumbra os mortos. Em Luar-do-chão os mortos não são enterrados, mas plantados, justamente porque o

¹³ BARROSO, Luís Roberto. *A dignidade da pessoa humana no direito constitucional contemporâneo: a construção de um conceito jurídico à luz da jurisprudência mundial*. 3ª ed. Belo Horizonte: Fórum, 2014. p. 11.

¹⁴ COUTO, 2002, p. 15.

¹⁵ Dito Mariano faleceu, mas ficou por um longo período exposto em velório na sala de sua residência em razão de manter alguns sinais vitais ativos.

¹⁶ COUTO, 2002, p. 26.

morto é coisa viva, não havendo, por isso, grande “diferença entre o Avô Mariano estar agora todo ou parcialmente falecido”¹⁷. Não há barreira entre vivos e mortos, a dignidade com a qual somos dotados não encontra empecilhos entre o físico e o transcendente.

Há uma relação clara entre imanência e transcendência em Luar-do-chão. Emmanuel Levinás, em sua longa abordagem sobre a ética, embora sua visão judaica não possa ser comparável, por diferentes que são, à visão de Mia Couto, pode ajudar a compreender essa relação no tempo. Para o filósofo a ética tem uma relação direta com a transcendência, ou seja, com o infinito. Alexandre Leone traz uma passagem de Levinás em que ele afirma categoricamente que “Deus é transcendente até a ausência, mas torna-se presente pela ação ética”¹⁸ e, em citação ao próprio filósofo traz o entendimento de que “conhecer a Deus é saber o que se deve fazer”¹⁹. Para Emmanuel, a “metafísica precede a ontologia”²⁰, ou seja, a ética, tendente ao infinito que é, não é totalidade, não compreende o plano da imanência, mas da transcendência.

Em uma frase poética, Couto afirma que “A gente não vai para o céu. É o oposto: o céu é que nos entra, pulmões adentro. A pessoa morre, é engasgada em nuvem”²¹. A frase é atribuída ao personagem Juca Sabão que falecera por assassinato, algo incomum na cidade e, tendo passado pelo ataque de uma hiena há anos, se negava a acreditar que a morte seria escura. Aliás, o primeiro capítulo do livro é aberto com uma frase de Juca, que diz terem enchido “a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras. Mas só há duas nações – a dos vivos e a dos mortos”²². Os mortos, portanto, habitam.

Há outro momento que recomenda análise. A decadência da cidade, planificada na destruição de objetos que guardavam memórias, muito incomodara Mariano. Por essa razão sua avó insistentemente o convidava para comparecer à igreja. O que o tempo destruíra na cidade, em uma tentativa de mortificar a memória, a igreja guardava. Segundo ele, era “o templo contra o tempo”, pois em um “mundo de dúvidas, onde tudo se desmorona, a igreja surge como a memória mais certa e permanente”²³.

A igreja na verdade representa a preservação da memória. Um monumento de luta contra o tempo, para que os mortos, dignos que são, continuem a falar. Esse emaranhado complexo

17 COUTO, 2002, p. 38.

18 LEONE, Alexandre. In LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (org.). *A mística e os místicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2022. p. 83.

19 *Apud* LEONE, 2022, p. 84.

20 LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Portugal: Edições 70, 1980. p. 30.

21 COUTO, 2002, p. 70.

22 COUTO, 2002, p. 9.

23 COUTO, 2002, p. 38.

criado por Couto, que envolve destruição da memória e diálogo perene com os mortos, conclama a presença do anjo de Walter Benjamin, o *Angelus Novus*, apresentado na nona tese no texto *Sobre o conceito de história*²⁴, pois é ele quem, em meio a catástrofe, “gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos”²⁵. Portanto, o anjo olha para Luar-do-chão e não vê nada além de uma catástrofe de acontecimentos, que gostaria de juntar para contar a história.

O anjo de Benjamin, com o rosto voltado para o passado, é zeloso de um mister: pretende revirar os escombros para contar a história a partir daqueles que estão ocultos nas ruínas. A tempestade, que sopra a partir do paraíso e impele para o futuro, dificulta essa atividade. A tempestade é o progresso, que no livro de Mia Couto é representado pela destruição da cidade em nome da evolução e pelo próprio personagem do tio de Mariano, a figura de Últímio, que já não frequentava mais a pequena cidade e era focado em suas responsabilidades empresariais e políticas na capital. Como o livro nos relata, Últímio “é gente grande na capital, despense negócios e vai politicando consoante as conveniências”, além de ter lucrado e entabulado grandes alianças²⁶. Benjamin, no texto citado critica a ideia de progressismo e uma de suas consequências, que é a história contada de forma linear: a história dos vencedores.

Em um diálogo entre o padre Nunes e Mariano a respeito de seu pai, o Padre fala sobre o fato dele não mais frequentar a igreja católica, mas ter construído “uma igreja dentro de si mesmo”²⁷. Enfim, se a igreja representa essa luta contra o progressismo, da rebeldia entre os tempos, o pai de Mariano construiu uma dentro de si. A transcendência está sempre presente, garantindo a ética da cidade ou, ao menos, uma relação de tensão entre a cultura local e o progressismo.

Em contraposição, há um importante ensinamento ético, apresentado quando o padre afirma que o pai de Mariano “lutou para que todos na cidade fossem ricos, partilhando essa grande riqueza que é, simplesmente, não haver pobreza”²⁸. O pai de Mariano e a própria cultura local são opostas a tio Últímio, que veio a Luar-do-chão acompanhado de tudo que representa: grandeza, riqueza e alianças políticas.

O combate à pobreza vem após um diálogo que remete à preservação de memórias e o fato místico do pai ter construído uma igreja dentro de si. O pai, na verdade, é o contrário

24 BENJAMIN, Walter. *Magia é técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

25 BENJAMIN, 1993, p. 226.

26 COUTO, 2002, p. 14, 15.

27 COUTO, 2002, p. 38.

28 COUTO, 2002, p. 39.

da visão progressista do tio Últmio, que a tudo quer destruir em nome do progresso e da acumulação de riquezas. Só a memória salva a ética. Só o guardar da igreja dentro de si viabiliza a preservação. Em momento posterior, já no fim do capítulo, Mariano reclama das ruínas, ao afirmar que cada ruína era como uma ferida dentro dele, de modo que “Custa a ver o tempo falecer assim. Levassem o passado para longe, como um cadáver. E deixassem-no lá, longe das vistas, esfarelado em poeira. Mas não”²⁹. As ruínas vistas se relacionam com o tempo. Não é uma casa ou uma rua que viraram ruína, mas o próprio tempo que terá sido destruído. Já não é apenas o ser humano que transcende, mas tudo o que há. A força da destruição derrota o tempo que, em Luar-do-chão, transcende.

3. A FACE ÉTICA ENTRE HOMEM E NATUREZA

Há outro momento em que é trabalhada a ideia de homem e natureza em grau de identidade. Trata-se da morte a mãe de Mariano, a senhora Mariavilhosa. Veja-se o relato:

Ela suicidara-se, então? A Avó escolhe cuidadosamente as palavras. Não seria suicídio, também. O que ela fez, uma certa tarde, foi desatar a entrar pelo rio até desaparecer, engolida pela corrente. Morrerá? Duvidava-se. Talvez se tivesse transformado nesses espíritos da água que, anos depois, reaparecem com poderes sobre os viventes. Até porque houve quem testemunhasse que, naquela derradeira tarde, à medida que ia submergindo, Mariavilhosa se ia convertendo em água. Quando entrou no rio seu corpo já era água. E nada mais senão água. Meu pai ainda se lançou no Madzimi a procurar a sua amada. Mergulhava e nadava para trás e para a frente como um golfinho enlouquecido. Mas sucedia algo extraordinário: assim que ele entrava na água perdia o sentido da visão. Nadava ao acaso, embatendo nos troncos e encalhando nas margens. Até que o fizeram desistir e aceitar a triste irrealdade³⁰.

Não sem razão o nome da personagem é Mariavilhosa, remetendo à ideia de belo, sendo importante abordar lição de Álvaro Valls que relembra o fato de os gregos não distinguirem entre o belo e o bom³¹. Mariavilhosa se integrou à natureza, tornando-se uma coisa só, espírito e natureza. Aqui nos vale novamente a lição de Luiz Costa Lima a respeito da ausência de relação da ficção com o falso. A mãe de Mariano faz parte de uma cosmogonia que, de fato, não tem relação com o falso. Trata-se de uma estética criada para contar a morte de Mariavilhosa que remete a essa noção mística e, por isso, guarda consigo uma ética.

Um ser humano se converteu em água e, a partir de então, passou a ser parte do rio e, ao mesmo tempo. Ainda existe, na medida em que sua morte foi narrada e se tornou o mote de uma visão local a respeito do homem e da natureza. Se o tempo existe porque é narrado,

29 COUTO, 2002, p. 40.

30 COUTO, 2002, p. 47.

31 VALLS, Álvaro L. M. *Estudos de estética e filosofia da arte numa perspectiva adorniana*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002. p. 15.

Mariavilhosa também existe porque narrada. A avó de Mariano optou por narrar sua morte, porque algo ali tinha conteúdo importante.

Como diz Paul Ricoeur, o discurso é acontecimento da linguagem³², ele cria. É nesse ambiente que se insere a ética proposta na morte de Mariavilhosa. A propósito, ela se reintegrou a sua própria terra. Veja-se o seguinte trecho, em que Mariano conversa com o rio:

Estou na margem do rio, contemplando as mulheres que se banham. Respeitam a tradição: antes de entrar na água, cada uma delas pede permissão ao rio: – Dá licença? Que silêncio lhes responde, autorizando que se afundem na corrente? Não é apenas a língua local que eu desconheço. São esses outros idiomas que me faltam para entender Luar-do-chão. Para falar com minha mãe, que vai fluindo, ondeada, até ser foz³³.

Há uma liturgia das mulheres para com o rio. Pede-se permissão. De outro lado, para falar com a mãe, que flui, Mariano fala com o próprio rio. Humanidade e natureza se confundem em dignidade. Aqui, pode-se captar uma visão humanista que sobrepõe ao humanismo renascentista que desaguou com a modernidade, que coloca apenas o homem como centro do universo. Se o rio é a mãe e não há barreira entre vivos e mortos, esse elemento da natureza é a própria pessoa, sendo igual em dignidade.

Na segunda metade do século XX, o padre jesuíta Teilhard de Chardin já criticava o antropocentrismo, ao constatar que “O Homem não é o centro estático do Mundo – como ele se julgou durante muito tempo –, mas eixo e flecha da evolução – o que é muito mais belo”³⁴. Em outra passagem ainda revela que o Cristo “por uma acção perene de comunhão e de sublimação, agrega a si próprio o psiquismo total da Terra” e nos convoca para pensar com São Paulo que “não haverá senão Deus, todo em todos”³⁵. Ou seja, para Chardin tudo está em todos: a terra, o universo, a natureza também nos constitui, em Cristo está o psiquismo total, de tudo que há na terra.

A toda evidência, a proposta de Mia Couto não é propriamente cristã, mas dialoga com a proposta de Chardin em termos de mística. Não há diferença entre Mariavilhosa e o Rio, ambas são o mesmo. Não por outra razão mulheres pedem licença antes de adentrar no rio e o próprio Mariano com ele conversa para falar com sua mãe. Há uma ética nessa visão, uma lição de preservação de tudo que há no mundo. O rio é sua própria mãe. Essa ideia se conecta também com a sabedoria apresentada por Ailton Krenak que afirma vivermos em uma “abstração civilizatória que suprime a diversidade” e “nega a pluralidade das formas de vida

32 RICOEUR, Paul. *Do texto para acção: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés-editora, 1991. p. 114.

33 COUTO, 2002, p. 87.

34 CHARDIN, Teilhard de. *O fenómeno humano*. Porto: Tavares Martins, 1970. p. 11.

35 CHARDIN, 1970, p. 325.

existentes³⁶. Ailton explica que vive em uma aldeia na região do Rio Doce, em Minas Gerais e lá há uma serra chamada Takukrak que não tem apenas nome, mas personalidade. Há pessoas que conversam com a serra³⁷. As visões de Couto e Krenak não são idênticas, mas dialogam em termos de relação do homem com o mundo natural, considerando ambos como portadores de personalidade.

Para além disso, Mariano gostava de ficar sob a sombra de uma árvore que se situava na proximidade do leito do rio, que é a mesma árvore onde seu avô comparecia para contemplar. Tratava-se de uma *maçaniqueira*. No último bilhete em que encaminha ao neto, o avô Dito Mariano diz o seguinte:

Meu neto, Agora sabe onde me há de visitar. Já não necessito de lhe escrever por caligrafada palavra. Falaremos aqui, nesta sombra onde ganho dimensão, copo renascendo em outro copo. Você, meu neto, cumpriu o ciclo das visitas. E visitou casa, terra, homem, rio: o mesmo ser, só diferindo em nome. Há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e desagua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida. Esta é a última visitação. Desta vez já não haverá mais cartas. Não careceremos de nos visitar por esses caminhos. De assim para sim: nesta sombra que, afinal, só há dentro de si, você alcança a outra margem, além do rio, por detrás do tempo.

Todos necessitam de grandes causas, precisam de ter pátria, ter Deus. Eu não. Me bastou ter esta árvore. Não é dessas de se domesticar em jardim. Esta árvore, tal como eu, não tem cultura ensinada. Aprendeu apenas da embrutecida seiva. O que ela sabe vem do rio Madzimi. Longe do rio, a maçaniqueira morre. É isso que a faz divina. Foi por isso que sempre rezei sob esta sombra. Para aprender de sua eternidade, ganhar um coração de longo alcance. E me aprontar a nascer de novo, em semente e chuva³⁸.

O trecho do bilhete não deixa dúvidas, há uma integração completa entre homem, espírito e natureza, de modo que se fundem em um. A Mariano, o neto, não seria necessário nem mesmo ler os bilhetes, pois o contato seria de *anima*, pois todos somos um. Nessa teogonia, há uma ética que exige profundo e absoluto respeito para com a história, a memória, a natureza, os seres humanos e as culturas diversas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mariano, que o livro concede saber que é ao mesmo tempo neto e filho de seu avô Dito Mariano é guardião de uma relação mística e cultural que não diferencia vida e morte. O contato com seu falecido avô, sua mãe, o rio, a árvore e tudo mais são perenes. É nesse contato que a ética se resguarda, no contato que Levinás chamaria de infinito para a tradição judaica. A ficção proposta por Mia Couto se abre para o mundo e cria uma ética, dialogando com linguagens

36 KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das letras, 2020. p. 82.

37 KRENAK, 2020, p. 11.

38 COUTO, 2002, p. 105.

e conceitos com os quais se labora no cotidiano, abrindo-se, portanto, para as narrativas da realidade posta. Embora Luar-do-chão não existisse antes da publicação da obra, ela agora existe e nos ensina. Portanto, a análise pretende dar uma dimensão prática do que é possível aprender com Luiz Costa Lima, demonstrando que a ficção de fato não guarda qualquer relação com o falso.

Reinhart Koselleck diz que tanto a sociedade quanto a linguagem “são precondições meta-históricas sem às quais nem a história nem a historiografia são concebíveis”³⁹, de modo que nem a conceituação linguística consegue dar conta daquilo que de fato aconteceu, nem o acontecimento se dá sem que seja “transformado por elaboração linguística”⁴⁰. Se, para o autor, todo acontecimento social se dá em um contexto comunicativo e de mediação linguística, não é possível renunciar à potência da literatura para compreensão do sujeito. Luiz Costa Lima, em citação a Simmel, revela que a “tarefa da história não é apenas reconhecer o conhecido, mas também intenções e sentimentos”⁴¹. São essas individualidades, de autor e personagem, que foi possível captar na obra de Mia Couto.

E é justamente porque a história se prende também nessa dimensão psíquica, que pouco ou nada importa o fato de Luar-do-chão não ser de fato uma cidade. Ela existe no plano ficcional e a ética que se depreende desse lugar é o que importa, de sorte que ela passa a existir tão logo a obra é impressa e disponibilizada a seus interlocutores.

Portanto, como ensina Luiz Costa Lima, a *mimesis* é a raiz da ficção, que tem uma relação com o verossímil, que é algo necessário para “habilitar a recepção do ouvinte”, lançando-se na constituição da “irrealidade do real”. Nesse sentido “a cada obra ficcional, em princípio, cabe estabelecer sua trajetória própria. Por isso, o bom intérprete do ficcional há de ser, à sua maneira, também um inventor – aquele que descobre o caminho mais próximo do inventado pelo ficcionista”⁴².

O ponto também remete a Nietzsche, que na obra *Sobre verdade e mentira* explica as reminiscências entre o homem racional e o intuitivo, fazendo referência ao fato do segundo que, como os gregos, utilizam a arte “colhe de suas intuições, além da defesa contra tudo que é mal, uma iluminação contínua e caudalosa, júbilo e redenção”⁴³.

39 KOSELLECK, 2020, p. 18.

40 KOSELLECK, 2020, p. 19.

41 *Apud* LIMA, 2021, p. 125.

42 LIMA, Luiz Costa. *O insistente inacabado*. Recife: Cepe, 2018. p. 105, 106.

43 NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*. São Paulo: Hedra, 2007. p. 51.

Ainda com Luiz Costa Lima é possível aprender que a entidade fictícia é um componente necessário da realidade com que lida o sujeito humano⁴⁴. Portanto, embora não se confunda com o real, a ficção, repita-se, nada tem a ver com o falso, mas com a convivência do sujeito com a realidade. O homem cria, por meio de metáforas, seu próprio real, a partir do verossímil.

Isso demonstra que a arte tem uma enorme potência para dizer o real, que inclusive outros meios não detém. A dignidade de Luar-do-chão não é uma realidade posta hoje em nosso país e em muitos outros países, mas um dia pode vir a ser e quem nos concede essa capacidade utópica de sonhar é apenas o mundo da *mimesis*.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, Luís Roberto. *A dignidade da pessoa humana no direito constitucional contemporâneo: a construção de um conceito jurídico à luz da jurisprudência mundial*. 3ª ed. Belo Horizonte: Fórum, 2014.
- BENJAMIN, Walter. *Magia é técnica, arte e política*. 5ª ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CHARDIN, Teilhard de. *O fenômeno humano*. Tradução: León Bourdon e José Terra. Porto: Tavares Martins, 1970.
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Portugal: Caminho de Lisboa, 2002.
- KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Portugal: Edições 70, 1980.
- LIMA, Luiz Costa. *O chão da mente: a pergunta pela ficção*. São Paulo: Unesp, 2021. p. 34.
- LIMA. *O insistente inacabado*. Recife: Cepe, 2018. p. 105, 106.
- LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (org.). *A mística e os místicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.
- MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Civitas*, v. 14, n. 1, p. 27-42. Porto Alegre: jan-abr. 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*. São Paulo: Hedra, 2007.

44 LIMA, 2018, p. 100.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução: Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. *Do texto para acção: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Res-editora, 1991.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Caminhos da mística* (livro eletrônico). São Paulo: Paulinas, 2018.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Reflexões para tempos difíceis: compromissos para um novo tônus vital*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618026-reflexoes-para-tempos-dificeis-compromissos-para-um-novo-tonus-vital-artigo-de-faustino-teixeira>. Acesso em: 6 ago. 2022.

VALLS, Álvaro L. M. *Estudos de estética e filosofia da arte numa perspectiva adorniana*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002.